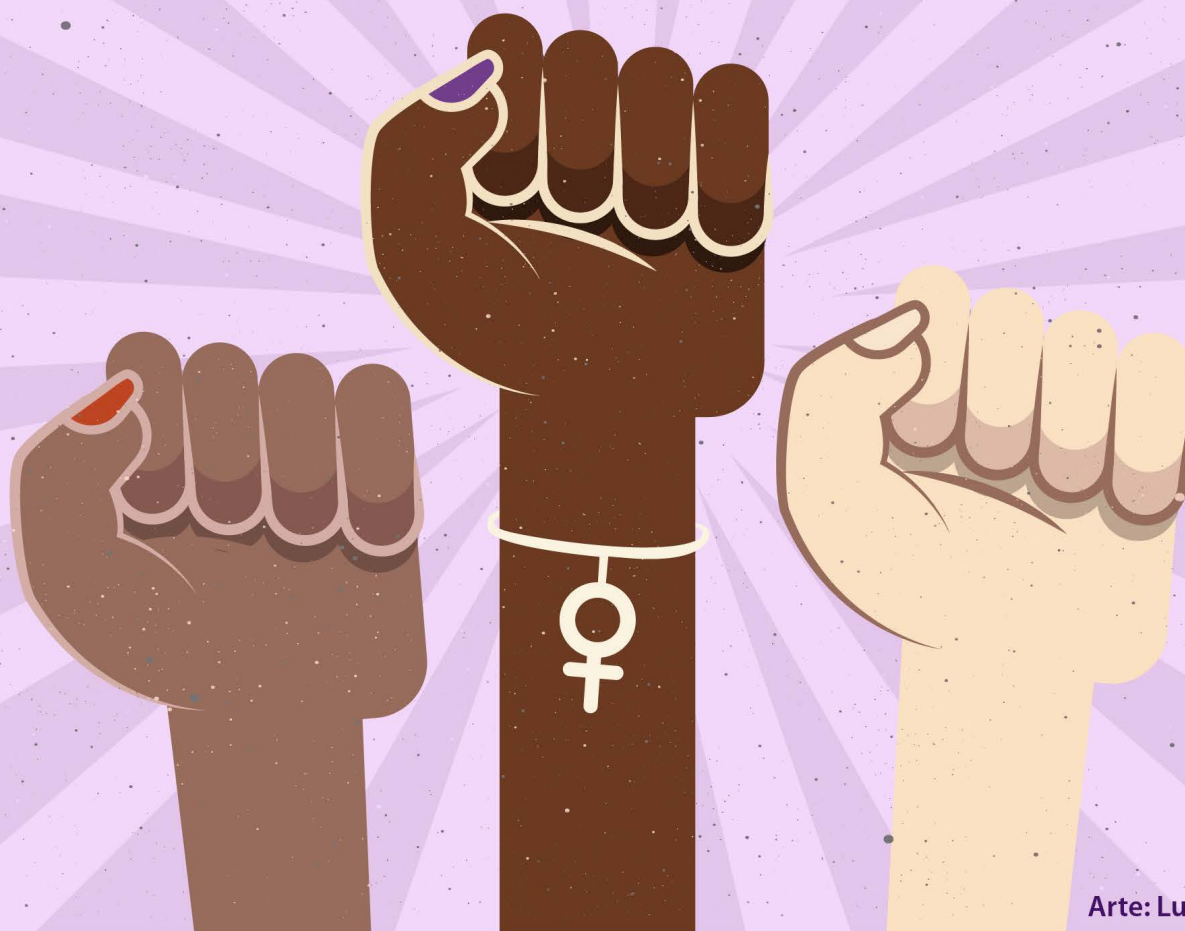


MÊS INTERNACIONAL DA MULHER

AS MULHERES DA FAVELA EXIGEM PAZ



Arte: Luciana D'Amato

**SOU ASSISTENTE SOCIAL E LUTO POR
IGUALDADE, DEMOCRACIA, DIREITOS
E PELA VIDA DAS MULHERES**

Editorial



8 de março marca da resistência feminista!

A definição do 8 de março como Dia Internacional da Mulher resulta da ação de mulheres que, ao longo da história, imprimiram a marca da resistência e da luta por liberdade. É uma data que simboliza as conquistas e batalhas travadas historicamente contra as diversas formas de opressão e exploração que derivam do patriarcado e do racismo, ideologias que, na sociedade capitalista, propiciam aumento da exploração da força de trabalho feminina a partir da opressão de gênero.

O Dia Internacional das Mulheres trabalhadoras oficializado pela Organização das Nações Unidas em 1975 tem sido marcado ao longo dos anos como data de protestos, de luta pela igualdade e de denúncia contra a violação de direitos historicamente conquistados. A origem da data tem algumas explicações históricas. Uma delas é relacionada ao incêndio ocorrido em 25 de março de 1911 na Companhia de Blusas Triangle, quando 123 mulheres tecelãs morreram carbonizadas enquanto lutavam por melhores condições de trabalho, considerando que ganhavam menos que os homens, trabalhando 16 horas por dia e em condições insalubres.

Uma passeata de mulheres e diversos protestos em 8 de março de 1917 (23 de fevereiro, no antigo calendário russo, o calendário gregoriano), em Petrogrado, acendeu a chama da Revolução Russa. Naquele dia, milhares delas foram às ruas da capital para protestar contra a fome e as terríveis condições de vida no país. A data foi escolhida porque representava o Dia Internacional da Mulher, importante comemoração do calendário de lutas em todo o mundo. Em alguns momentos da história, principalmente em períodos de ditadura, o conteúdo emancipatório da data acabava ficando em segundo plano. No entanto a marca socialista original sempre é retomada nesta data.

Portanto há mais de cem anos, a luta feminista tem se intensificado entre as mulheres de todo o mundo. Nascida na causa operária, quando as mulheres das indústrias, que sofriam com a exploração capitalista mais do que os homens e acumulavam a dupla jornada (com trabalhos domésticos), começaram a se unir no interior das fábricas e lideraram movimentos em vários países. Mas a luta feminista tem abrangido outras reivindicações e uma delas, que é o mote da Marcha 8M deste ano em Curitiba, é pelo fim da violência nas favelas e periferias.

Mas, há de se registrar que em várias partes do mundo, em nosso país e em Curitiba milhares de mulheres foram às ruas para denunciar o aumento da violência, pela defesa da democracia, por igualdade de direitos, contra a escalada do autoritarismo, em repúdio ao incentivo do ódio, à intolerância, por garantias trabalhistas e direitos reprodutivos, entre outras pautas feministas. Registra-se, que a pauta central foi contra o feminicídio.

Os números do Atlas da Violência divulgados no mês de julho do ano de 2019 mostram que a maioria dos 65 mil homicídios ocorridos em 2017 (ano com os últimos dados do Atlas) são de homens negros e jovens, moradores de periferias, o que diretamente atinge as mulheres, pois a violência urbana e a violência policial resulta como vítimas pais, maridos e filhos de mulheres periféricas. Quando falamos em mortes de mulheres, houve um salto de 60% nos homicídios femininos (que também incluem os feminicídios) entre 2007 e 2017 de mulheres negra, enquanto os casos que vitimaram mulheres brancas avançaram 1,7% no mesmo período.

É notório que as violências que atingem as mulheres em todos os âmbitos no Brasil, sejam negras ou brancas, moradoras ou não das periferias, precisam ser combatidas. Contudo, não há como negar que a morte de mulheres negras e periféricas é ainda maior, muitos dos casos invisibilizados pela mídia.

Em momentos de retrocessos em nossa sociedade, reafirmar direitos e lutar para preservá-los valorizando as lutas históricas no Brasil e no mundo pela equidade de gênero e pelo fim das violências contra as mulheres é dever de todas e de todos que defendem as pautas igualitárias. Também é uma necessidade e um compromisso do Código de Ética da/o Assistente Social: seja na defesa da liberdade como valor ético e central, pautar-se pela democracia, a defesa intransigente dos direitos humanos e recusa do arbítrio e do autoritarismo, lutando contra todas as formas de discriminação que as mulheres sofrem, seja por questão de classe, gênero, origem, etnia, entre outras formas de preconceito.

Boa leitura.

Gestão "Tempo de Resistir.
Nenhum Direito a Menos (2017-2020)".

EXPEDIENTE



O informativo CRESS-PR EM MOVIMENTO é uma publicação do Conselho Regional de Serviço Social da 11ª Região (CRESS-PR) Rua Monsenhor Celso, 154 - 13º Andar, Centro, Curitiba-PR.

Tel.: (41) 3232-4725
www.cresspr.org.br
contato@cresspr.org.br
facebook.com.br/cresspr

Projeto gráfico e diagramação: Up Ideias
Jornalista responsável: Rodrigo Batista -
MTB: 9231/PR
Textos: Elza Campos e Rodrigo Batista
Dezembro/2019
Gestão "Tempo de resistir: nenhum direito a menos" - 2017-2020

Diretoria

Presidenta: Joziane Ferreira Cirilo
Vice-Presidenta: Elza Maria Campos
1ª Secretária: Marcia Terezinha de Oliveira
2ª Secretária: Inês Barbosa
1ª Tesoureira: Neiva Luz dos Santos
Silva Munhoz
2ª Tesoureira: Jucimeri Isolda Silveira

Conselho Fiscal

Fernando Camara
Alexandre Macedo
Elias de Sousa

Suplentes

Hemerson Wesley Maziero
Marly Correia Faria Bavia
Tatiana de Fatima Santos
Ana Cristina Moreira
Viviane Aparecida Pereira Peres

Comissão de comunicação

Tamires Caroline de Oliveira
Joziane Ferreira de Cirilo
Elza Maria Campos
Jucimeri Isolda Silveira

Seccional de Londrina

Coordenador: Daniel Soares da Silva
Tesoureira: Mileni Alves Secon

Seccional de Cascavel

Coordenadora: Tatiane Martins
Tesoureira: Ereni de Jesus Galvão
Secretário: Vantuir Trevisol

Suplentes

Maria Aparecida Melo M. Tamparowsky
Patrícia de Oliveira dos Santos



Dia Internacional da Mulher no centro de São Paulo. Foto: Rovena Rosa/Agência Brasil.

Dia Internacional da Mulher tem origem operária

Em vários países, mulheres se reuniram no início do século XX por direitos e contra exploração do trabalho.

O início do século 20 foi marcado por lutas operárias contra a exploração por parte da burguesia em diversos países do mundo. Em meio ao crescimento do movimento operário as mulheres já se organizavam para protestar contra essa exploração e em busca de garantia de direitos trabalhistas e pelo direito ao voto. Assim, o movimento feminista teve papel central nas fábricas.

Segundo reportagem do site da BBC, do dia 7 de março de 2019, nos Estados Unidos, que já despontavam como economia capitalista, em 26 de fevereiro de 1909 ocorreu uma grande passeata na cidade de Nova York que reuniu 15 mil mulheres que marcharam por melho-

res condições de trabalho. Naquela época, as mulheres trabalhavam até 16 horas por dia, seis dias por semana, muitas vezes também aos domingos.

Outro evento que marca a luta das mulheres por melhorias nas condições de trabalho foi um incêndio ocorrido também em Nova York, no dia 25 de março de 1911, quando 125 mulheres e 21 homens morreram na Triangle Shirtwaist Company, o que escancarou as condições insalubres enfrentadas pelas mulheres nas fábricas.

Europa

Na Europa, um dos grandes nomes feministas foi Clara Zetkin. Alemã, feminista e socialista, atuou no movimento operário desde 1874, segundo texto do site Autonomia Literária, publicado em 8 de março de 2019. Exilada em 1882, após a proibição dos partidos comunistas na Alemanha, foi uma das criadoras da Internacional Socialista. Mais tarde, retornou ao país de origem e participou da criação da Conferência Internacional das Mulheres Socialistas, em 1907.

Segundo reportagem da Revista Super Interessante, do dia 14 de fevereiro de 2020, no ano de 1910, com a realização da Segunda Conferência, na Dinamarca, as mulheres definiram jornadas de manifestações anuais. Naquele ano, Clara Zetkin propôs que as mulheres se unissem para dar voz às suas reivindicações. Com isso, o primeiro Dia Internacional da Mulher foi celebrado em 1911. A princípio, não havia uma data, como acontece atualmente com o 8 de março, e o primeiro Dia da Mulher foi celebrado em 19 de março daquele ano, com intensas manifestações.

Destaca-se, dessa forma, que mulheres como Clara, além de Alexandra Kollontai, Clara Lemlich, Emma Goldman, Rosa Luxemburgo, entre outras, dedicaram suas vidas ao que posteriormente se tornou o movimento feminista.

Na Rússia, em 1917, segundo a reportagem da BBC do dia 7 de março de 2019, às vésperas da Revolução Comunista um grupo de operárias protestou contra a fome e contra a violência da Primeira Guerra Mundial no dia 8 de março. Com a revolução, a data passou a ser celebrada no calendário da Rússia comunista e se espalhou pelo mundo como referência.

Movimento de mulheres no Brasil

No CRESS em Movimento publicado no site em março de 2018 destaca que, "no Brasil a resistência deve-se principalmente às mulheres negras, como Dandara, guerreira na luta pela liberdade do povo negro, pela libertação do Quilombo dos Palmares que em 1644 morre na batalha." A publicação ainda evidencia:

"E de Luiza Mahin, também escravizada que protagonizou a revolta dos Malês na Bahia ou de Carolina Maria de Jesus caçadora de papel, descoberta escritora pelo jornalista Audalio Dantas, tendo publicado um de seus livros, intitulado o Quarto de Desejos que vendeu mais de 100 mil exemplares, são exemplos da resistência das mulheres, negras, indígenas, registro legítimo da memória e continuidade daquelas que se irromperam contra o patriarcado e contra o colonialismo impulsionando perspectivas para um debate inicial de gênero. Não se pode esquecer que foram as mulheres negras as que primeiro resistiram, as que foram silenciadas" (Texto do informativo CRESS-PR em Movimento do dia 8 de março de 2018).

A luta das mulheres das fábricas no Brasil também começou a eclodir no início do século XX no Brasil, com o aumento do número de indústrias e o crescimento da população urbana nas grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. Em 1907, por exemplo, greves operárias foram realizadas no Brasil para pedir melhoria na jornada de trabalho. Entre os movimentos aconteceu a Greve das Costureiras, no dia 25 de maio daquele ano, em São Paulo. As informações são de outra reportagem da BBC, do dia 28 de abril de 2017.

Assim como o movimento operário na Rússia em 1917, com grande participação das mulheres, a primeira greve geral ocorrida no Brasil foi no mesmo ano, no mês de junho, e começou com um movimento encabeçado por mulheres de uma fábrica têxtil de São Paulo. Segundo o texto da BBC, a repressão ao movimento grevista aumentou a adesão de operárias/os e se espalhou por outras fábricas paulistas além de outras cidades, como Rio de Janeiro e Porto Alegre. Entre as reivindicações por parte das mulheres estavam: a regularização do trabalho feminino, jornada de trabalho de oito horas e o fim do trabalho noturno para mulheres.



Manifestação Ni Una a Menos, em São Paulo, em 23 de outubro de 2016. Foto: Rovena Rosa/Agência Brasil.

Amplitude do Movimento

O movimento feminista se intensificou ao longo do século XX e o dia 8 de março passou a ser um marco na luta de trabalhadoras de todo o mundo por igualdade de gênero, por jornada de trabalho, salários, contra a violência e pelo direito ao voto. O Dia Internacional da Mulher foi oficializado pela ONU somente em 1975. Aquele ano foi considerado o Ano Internacional da Mulher, quando foi realizada a I Conferência Mundial da Mulher.

Segundo o site "ONU Mulheres", a conferência teve como tema central "a eliminação da discriminação da mulher e o seu avanço social". Também foram aprovadas ações norteadoras para governos e para a comunidade internacional no decênio seguinte (de 1976 a 1985). Participaram 133 delegações da conferência, das quais 113 foram lideradas por mulheres.

Ainda de acordo com o site ONU Mulheres, foram realizadas outras três conferências: em 1980, com o tema "Educação, Emprego e Saúde", em Copenhague; em 1985, com o tema "Estratégias Orientadas ao Futuro, para o Desenvolvimento da Mulher até o Ano 2000", em Nairóbi; e no ano de 1995, cujo tema foi "Ação para a Igualdade, o Desenvolvimento e a Paz", na China.

Mesmo que o movimento do 8 de março seja centenário, ainda há muito pelo que se lutar, inclusive quando se fala em manutenção dos direitos. Da mesma forma, o avanço dos movimentos reacionários precisa ser visto sempre como um catalizador da luta por igualdade de gênero. Por isso, todas precisam estar unidas nessa luta.

A profissão de Serviço Social e a luta das mulheres

Texto: Elza Campos

A marca da "feminização" em nossa profissão data de sua fundação, conforme destaca a pesquisadora feminista e professora Mirla Cisne, em sua dissertação de mestrado "Serviço Social: Uma profissão de mulheres para mulheres? Uma análise crítica da categoria gênero na histórica da "feminização" da profissão". [A dissertação está disponível neste link](#). A autora discorre que essa marca acompanha o processo de subordinação das mulheres em uma realidade determinada historicamente e com marcas nítidas de interesses de classe. Se manifesta por meio da responsabilização da profissão pela reprodução social reforçando os papéis de gênero.

Para a autora, o problema não reside no fato de a profissão ser majoritariamente composta por mulheres, e sim ser considerada uma profissão feminina e, como tal, sermos cobradas para corresponder a "qualidades" consideradas "naturalmente" femininas, como evidenciam as características da profissão reforçadas em sua fundação e que a marcam culturalmente: a sensibilidade, a capacidade de acolhimento, a bondade, etc. Para ela, esses atributos contribuem para a construção de um perfil vocacional e não profissional. Tal perspectiva vocacional nos desvaloriza como trabalhadoras especializadas, com formação de competência profissional. Além disso, essas características podem agregar uma perspectiva conservadora e moralizante que responsabilizava as mulheres individualmente pelas expressões da questão social, contrariando o perfil de profissionais críticas/os defendido pelo nosso projeto ético-político.

Compreendemos que certos papéis desempenhados pelas mulheres na sociedade capitalista são apreendidos por interesses e estratégias de produção e reprodução voltados para a desqualificação da força de trabalho e conseqüentemente pela desvalorização do trabalho e da profissão, implicando nos baixos salários, típicos das profissões consideradas femininas.

No caso da profissão de Serviço Social, destaca-se nossa dupla inserção no que entendemos pela categoria trabalho: nos inserimos não apenas na divisão social e técnica do trabalho, mas também na divisão sexual do trabalho. As profissões consideradas femininas ainda na atualidade se inserem no campo da reprodução social,

e os considerados masculinos são mais valorizados e se concentram mais na esfera da produção direta do valor. Em um país capitalista, patriarcal e racista, a sociedade e o mercado de trabalho acabam por desvalorizar de forma profunda e desigual a diversidade de mulheres: as negras, pobres e periféricas acabam assumindo funções de ampla subalternidade. Como profissão na qual mais de 90% são mulheres, trazemos em nossa história marcas dessas violências, de explorações e opressões.

Nesse sentido, embora de forma tardia, o Serviço Social brasileiro acaba por iniciar seu reconhecimento e identidade com as pautas do movimento de mulheres. Assistentes Sociais vivenciam expressões do machismo em suas casas e vidas e também lidam com outras vítimas do machismo em seu cotidiano profissional. As mulheres são em maioria o nosso público usuário, historicamente somos não apenas responsabilizadas pela questão social, como somos as mais atingidas por ela. A nossa categoria profissional que tem em seu projeto ético-político a expressão de valores estabelecidos no Código de Ética, princípios que reclamam a luta em defesa da liberdade como valor ético central, da ampliação da democracia, dos direitos humanos, da defesa de lutas coletivas. Compreende que a luta pela superação dessas violências na atual conjuntura demanda ações coletivas que tenham como norte a construção de uma nova ordem societária, sem dominação-exploração de classe, raça/etnia e gênero, conforme preconiza o projeto ético-político da profissão. O 8 de março é uma data central do movimento feminista e de mulheres e se articula a nossa trajetória e a nossas pautas.



Marcha de mulheres pelo Brasil. Foto: Valter Campanato/Agência Brasil.

Todas contra a violência. Nenhuma a menos!

Feminicídio continua sendo uma questão a ser combatida no Brasil e no Paraná

Entre os dias 29 de fevereiro e 4 de março, ao menos quatro mulheres foram mortas no Paraná. Em um dos casos (em que duas mulheres morreram), em Curitiba no último dia 4 de março, o marido de uma das vítimas foi preso em flagrante por feminicídio. Nos outros dois casos - no bairro Tatuquara, em Curitiba, no dia 2 de março, e em Cianorte, no dia 29 de fevereiro - ex-companheiros das vítimas são suspeitos. Ou seja, caso as investigações comprovem, seriam mais dois feminicídios.

Esses casos recentes reforçam a imagem do Paraná como um estado com crescentes índices de feminicídio. Segundo o site G1, que faz um compilado anual de dados oficiais das secretarias de segurança pública dos estados brasileiros sobre violência, entre 2016 e 2019 houve aumento de 335% no número de feminicídios no estado (20 para 89 casos registrados).

No Brasil, no ano de 2019 foram 1.314 mulheres mortas por crimes de feminicídio, aumento de 19% em relação

ao que foi registrado em 2018. Além das mortes, outros casos de violência doméstica (lesão corporal) também cresceram, segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Os números do anuário saltaram de 14.149 registros no ano de 2017 para 16.021 no ano de 2018 (números mais recentes disponíveis).

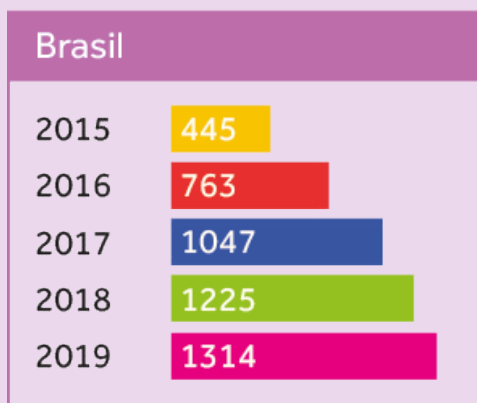
Segundo o Anuário, desde que a Lei do Feminicídio entrou em vigor, em março de 2015, os casos registrados desses crimes subiram 62,7% (até o ano de 2018) em todo o Brasil. Ainda conforme o anuário, naquele ano os feminicídios correspondiam a quase 30% do total de casos de homicídios contra mulheres (levando-se em conta que os homicídios contra mulheres incluem, além dos feminicídios, casos de violência urbana que não envolvem crimes de ódio causados por questões de gênero).

Marcha de mulheres em Recife, no dia 8 de março de 2016.
Foto: Sumaia Villela/Agência Brasil.



INFOGRÁFICO

Aumentam os casos de feminicídio



Fonte: G1

Luta feminista contra a violência

A luta feminista contra a violência tem se intensificado em todo o mundo. A vice-presidenta do CRESS-PR, Elza Maria Campos, que também faz parte da União Brasileira de Mulheres e da Frente Feminista de Curitiba e Região Metropolitana, destaca a luta contra a violência como um tema universal das mulheres.

“Nós temos isso como uma perspectiva emancipacionista: um mundo sem violência. Em nosso país, lutamos contra as diversas violências, em especial a violência machista patriarcal encarnada em figuras públicas que estão no poder. Vivenciamos assassinatos de figuras importantes que tiveram mais visibilidade, mas muitas ainda estão invisibilizadas, nas periferias do Brasil e do mundo”, afirma.

Elza ainda alerta para o fato de que principalmente as mulheres pobres e negras estão mais suscetíveis a sofrer violência, bem como suas/seus filhas/os. “Precisamos ir às ruas e lutar contra os assassinatos e a violência contra as mulheres, lutar por melhoria nas políticas públicas, por emprego e trabalho, por moradia”.

O CRESS-PR, em nome de todas/os Assistentes Sociais, pede a união e o fortalecimento da luta contra a violência contra as mulheres. Pelo fim dos crimes de ódio, dizemos nenhuma a menos.



Entrevistas

O CRESS-PR em Movimento especial sobre o Dia Internacional das Mulheres conversou com lideranças feministas que integram a marcha 8M em Curitiba e Região Metropolitana. Elas comentaram sobre o atual cenário de retrocessos e a importância das lutas das mulheres em diferentes frentes (mulheres negras, pobres, estudantes, lésbicas, bissexuais e também a luta das Assistentes Sociais). Confira:

ANDRÉIA SOARES DE LIMA

TRANSFORMADORA SOCIAL

1 – O que representa, na sua opinião, a luta feminista em tempos de retrocesso?

Representa que não podemos desistir e sempre temos que resistir duas/três vezes mais como mulher periférica e negra, para que os nossos direitos não sejam banidos. São direitos conquistados. Com esse governo que retrocede todos os dias em cima dos direitos das mulheres, é uma luta para que a gente consiga ter um pouco de respeito e empatia. Estamos sempre nas ruas reivindicando e expressando nossos desgostos com os desmontes e perdas de nossos direitos. Com esses retrocessos na política, todas as mulheres são atingidas e para nós, mulheres periféricas e negras, esses direitos são três vezes mais retirados. Precisamos ser mais fortes e resistentes com o que está acontecendo. O mundo todo está passando por retrocessos, mas o Brasil passa por situação pior, com esse presidente, que diz que não estupra uma mulher por ela ser feia, que desrespeita profissionais da imprensa e nós que estamos na base só recebemos paulada e sem massagem, um presidente que nos tira direitos e nossos serviços vitais. É muito complicado, é muito difícil, mas nós somos resistência. Para que uma mulher da alta sociedade saia de sua casa para estar na luta, geralmente tem uma mulher periférica que está na sua casa cuidando, limpando e cozinhando, deixando toda a sua vida organizada para que ela possa estar na luta. É complicado, mas nós não vamos desistir.



2 – Como podemos descrever a luta das mulheres negras e periféricas?

Para nós mulheres negras e periféricas não é nada fácil participar e atuar na luta. Geralmente temos três ou quatro jornadas diárias (trabalho fora de casa, trabalho em casa, filhos e ainda queremos voltar a estudar e estar dentro da universidade). Muitas mulheres e homens da alta sociedade que aprendam a lavar suas peças íntimas, porque as mulheres periféricas estarão sim nas universidades, ocupando todos os espaços. Este ano foi descentralizada a marcha feminista em Curitiba e esse é um primeiro passo, porque as nossas demandas enquanto mulheres periféricas são maiores do que as mulheres da alta sociedade e o tempo e o custo de vida para nós é o dobro. Se é nas favelas em que vivem as mulheres com salários até cinco vezes menor do que as mulheres da alta sociedade, é neste território que as lutas precisam acontecer. São nesses espaços que as pessoas precisam olhar para nós com mais cuidado. Nós não somos fábricas de bandidos: somos mulheres à margem que resistimos diariamente e temos nossas vozes silenciadas, pois muitas pessoas não aceitam ouvir nossas vozes (nos invisibilizam).

3 – Por que se torna necessária a luta feminista com o tema deste ano: Mulheres da Favela exigem paz?

Primeiramente que são dentro das periferias que está o maior número de mulheres, de donas de casa, de empresárias, de empreendedoras, mas ninguém vai sair do centro para comprar um artesanato ou algo de uma mulher que mora dentro da periferia. E quando ocorre isso, ninguém quer pagar o valor exato, desvalorizando os nossos trabalhos e os nossos produtos, como se o nosso tempo dedicado não pudesse ser valorizado porque vem de uma periferia. Isso é muito complicado e exigimos paz pois não aguentamos ter nossos filhos, parentes e amigos executados pela segurança pública ou pela sociedade. Exigimos paz pelo nosso estado de espírito, porque não conseguimos trabalhar em paz sabendo que nossos filhos não têm acesso à educação, por não ter vaga em escola, em CMEIS. Exigimos paz porque sabemos que nossos filhos são vistos pela segurança pública como marginais. Exigimos paz para que nossos filhos quando doentes, possamos chegar a uma unidade de saúde e tenhamos uma equipe médica competente, qualificada para que sejam atendidos. Exigimos paz porque pagamos nossos impostos (e são milhões de impostos) e não vemos esse retorno para dentro das periferias). Na periferia nem assalto chegou lá com essa gestão. Exigimos paz para que não sejamos estupradas ou mortas porque não queremos estar em relacionamentos abusivos. Exigimos paz para que nossas irmãs em situação de rua não sejam executadas. Exigimos paz pois só queremos que os nossos direitos dos nossos corpos sejam respeitados. Direitos Humanos a gente não pede de joelhos, a gente exige em pé. Pedimos paz para poder viver em uma sociedade digna e justa.

4 – Descreva a situação de desvalorização da mulher negra e periférica e a necessidade da luta feminista contra essa situação.

A importância da nossa luta é que a gente não desista nunca, mesmo não tendo tempo ou disposição para o nosso auto cuidado. A gente tem muita garra e é isso que nos faz diferente: a vontade de vencer quatro a cinco demandas diárias. Mulheres periféricas e negras têm um grande valor para a sociedade quando estão trabalhando em fábricas, quando estão trabalhando como diaristas, empregadas domésticas, em serviços subalternos. Infelizmente temos uma referência no Brasil de que mulheres negras e periféricas servem para os serviços braçais e não nos dão oportunidade para conseguirmos chegar ao topo. Mas iremos sim para cima

desse sistema falho, um sistema que quer cada dia mais nos invisibilizar, cada dia mais nos manter fora dele. A gente está, a cada dia, mudando isso porque dentro das favelas está a maior riqueza de nosso país, que está a maioria das mulheres que realmente trabalham e mantêm a renda, as vezes são mulheres que são mães soltas, porque o patriarcado dá esse aval de que os homens não precisam assumir relacionamentos, nos deixando preteridas. O patriarcado dá aval para que os homens não assumam suas responsabilidades enquanto companheiros e pais de nossos filhos.



LARISSA SILVA SOUZA

PRESIDENTE DA UNIÃO PARANAENSE DOS ESTUDANTES PARTICIPANTE DA UBM - UNIÃO BRASILEIRA DE MULHERES

1 – Na sua opinião, o que representa lutar por equidade de gênero e direitos da mulher no Brasil atualmente?

O feminismo é a luta pela igualdade de gênero e é importante dizer o quanto essa luta já teve vitórias, e o quanto ela torna a nossa vida melhor. O direito de estudar, de trabalhar, de votar, e tantos outros são direitos conquistados pelas mulheres inconformadas e pela luta feminista. Mas ainda não somos tratadas com igualdade. Por isso a luta continua. Ser ativista do feminismo hoje é lutar pela vida e pela vida digna. O Brasil ocupa o 5º lugar no ranking de feminicídio pelo mundo. Também é um dos que mais mata LGBTs, e pensar nisso é de extrema importância pois não existe luta feminista sem pensar na mulher lésbica, na mulher transgênera. A luta das mulheres no Brasil hoje ainda é lutar por equidade salarial, para ser respeitada dentro das universidades, pelo espaço na ciência, por liberdade de expressão, liberdade de viver e principalmente lutar para viver. Vivemos tempos de extremo regresso: o número de homicídios diminuiu mas o número de feminicídios aumenta, e é contra esse tipo de sociedade que lutamos.

2 – Qual o papel da juventude feminista nessas lutas, tendo em vista o meio em que está inserida?

Eu acho muito bonito ver a variedade geracional que existe dentro do movimento de mulheres, mas defendo e incentivo as jovens a ocuparem esses espaços. Nós não somos só o futuro desta nação como também o presente. Carregamos a responsabilidade de travar a luta desta geração e de trilhar um caminho melhor para as nossas meninas e crianças. A disposição revolucionária corre nas nossas veias. Somos a geração que quer mais educação, cultura, lazer e direitos. Claro que temos muito a aprender, mas também temos muito a ensinar sobre a sociedade que queremos construir para as mulheres e para os homens, pois eu acredito na importância da participação e da contribuição dos homens para essa luta. Costumo dizer que não adianta pregar pra quem já é convertido. Então precisamos sair da bolha feminina e espalhar as ideias feministas para todos os tipos de mulheres e também para os homens!

3 – Como o movimento estudantil tem contribuído e lutado pela causa feminista?

Eu era feminista e não sabia, e foi o movimento estudantil que me apresentou o movimento feminista organizado. Não tem como lutar por uma educação de qualidade, universidade de qualidade, sem defender a existência e permanência das mulheres nesses espaços. O movimento estudantil é o olhar para o futuro, é uma gigantesca prova de amor a nossa pátria, e não queremos um futuro sem igualdade de gênero. A revolução será feminista ou não será. Os estudantes carregam hoje uma capacidade de mobilização e denúncia gigantesca, um grande entendimento sobre a luta de classes e que não existe a luta de uma só classe! Precisamos de união dos estudantes, professores, trabalhadores, mulheres, LGBTs, negros e negras. Somente desta forma que alcançaremos a emancipação dos povos. Eu sempre gosto de dizer uma palavra de ordem nossa: O movimento que eu faço, tem mulheres em todos os espaços.

4 – Você acredita que a união dos diversos coletivos de mulheres tem fortalecido o feminismo em Curitiba e no Paraná? Por que?

Com toda certeza acredito! Somos mulheres de todas as cores, tamanhos, idades e ideais. Mas todas com um sonho: viver livre! Dentro do feminismo existem várias vertentes, seguimentos e ideais, mas todos eles buscam a igualdade de gênero. A Frente Feminista de Curitiba é uma amostra disso: um grupo de mulheres plural, trabalhando para a conscientização contra o machismo cultural, o patriarcado, o fascismo, e é essa pluralidade que nos faz crescer, atingir um público maior, ter força para enfrentar os diversos ataques que sofremos todos os dias. Todas nós temos histórias de repressão machista e infelizmente essa é a realidade das mulheres, mas juntas construímos todos os dias também uma sociedade um pouco menos machista.





LÉO RIBAS

ARTICULADORA ESTADUAL DA LIGA BRASILEIRA DE LÉSBICAS
ARTICULADORA NACIONAL DA REDE LÉSBI BRASIL

1 – O que representa, na sua opinião, a luta feminista em tempos de retrocesso?

Visibilidade e Resistência.

2 – Como podemos descrever a luta da LBL nesse contexto?

A luta da LBL se orienta, desde sempre, pelo controle social das políticas públicas, numa perspectiva da defesa dos Direitos Humanos e no enfrentamento de todas as formas de preconceito, discriminação e violação de direitos, em especial no que se refere às mulheres Lésbicas e Bissexuais.

3 – Como a união de tantos coletivos feministas (de diversas vertentes, como o movimento estudantil, mulheres lésbicas, mulheres negras e trans, por exemplo) tem fortalecido a luta feminista?

Na contemporaneidade parece fazer mais sentido falar em feminismos, no plural. Isso se deve a pluralidade de nuances feministas. Entretanto, existem alguns princípios feministas que nos parecem inegociáveis, como por exemplo o direito de todas as mulheres, cis e trans, lésbicas, bissexuais, negras, indígenas e brancas, dentre

outras, ao próprio corpo. Assim, desde que não se coloque em negociação princípios feministas inegociáveis, nos parece que a coletividade e a diversidade de representações, diante do momento histórico e político que estamos vivendo consiste na estratégia mais produtiva, frente aos ataques diários aos nossos corpos, subjetividades e experiências. O desafio é, além de compreender as diferenças de forma interseccional, agir a partir dessa concepção.

4 – Na sua opinião, o que podemos destacar do cenário no Paraná sobre a importância do feminismo?

O Paraná é um estado conservador, no qual temos um longo e triste histórico de violação de direitos e de violências contra as mulheres. A partir do momento em que o Paraná se alia a um governo que autoriza todos os dias atos violentos, verbaliza e fomenta discursos de ódio e considera as mulheres seres inferiores aos homens, o feminismo torna-se cada vez mais fundamental! Isso tem se evidenciado nos importantes índices de feminicídio, do lesbocídio, das violências contra as mulheres, por exemplo. O enfrentamento da cultura do estupro, das práticas violentas, machistas, racistas, lesbofóbicas, bifóbicas, transfóbicas e elitistas depende da inserção dos feminismos em todos os espaços e tempos da nossa sociedade! O feminismo é um projeto de vida! É pela vida e pelo direito de todas as mulheres!



DARACI ROSA DOS SANTOS

ASSISTENTE SOCIAL, FEMINISTA E MILITANTE DA MARCHA MUNDIAL DE MULHERES.

1 – O que representa a luta feminista no cenário brasileiro atual, com constantes retrocessos e inclusive ataques machistas/misóginos vindo de autoridades?

As medidas anti-democráticas, de cunho fascistas, empreendidas em vários âmbitos da política brasileira têm atingido mais diretamente as mulheres. A ausência de políticas públicas, como habitação, saúde, educação afetam drasticamente a vida das mulheres porque, como bem afirmou Simone de Beauvoir, "basta uma crise política, econômica e religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados". No caso brasileiro, não estão sendo questionados os nossos direitos como mulheres e cidadãs, mas arbitrariamente suprimidos. As propostas conservadoras recomparam neste cenário com força e apoio popular, inclusive, tendo as igrejas, especificamente, os setores mais reacionários do cristianismo, como incentivadoras e protagonistas deste processo. As ideias e propostas governamentais vem na contramão dos direitos humanos de mulheres, restringendo sua liberdade e autonomia, sobre sua vida em todos os sentidos e, em especial, sobre seu corpo e sexualidade e, por isso, temos um aumento de feminicídio e violências várias contra as mulheres. Os machistas, que sempre atuaram, hoje sentem-se encorajados a continuar suas práticas misóginas e violentas porque temos na representação nacional um presidente que ignora, banaliza e debocha dos direitos que compreendem o campo da diversidade sexual e das mulheres. Isso nos desafia cada vez mais a intensificar nossa luta para manter e ampliar direitos. Mais do que nunca o feminismo é necessário, sendo desafiado também a se reinventar para atingir o cotidiano das mulheres que vivem nas periferias, onde violências se reproduzem principalmente sobre as mulheres negras, cujo impacto é sempre maior.

2 – Em Curitiba e Região Metropolitana, teremos como abordagem do 8 de março "As Mulheres da Favela Exigem Paz". Por que é necessária essa abordagem?

A favela é o locus da pobreza, da negação dos direitos, da ausência do Estado e da reprodução da violência também pelo Estado, pelas polícias, que matam e abusam do poder, amedrontam e aterrorizam. Toda semana morrem pessoas na favela, seja pela disputa do tráfico

ou pela ação das forças policiais. É o território onde as políticas públicas deveriam estar mais atuantes, justamente para elevar as condições de vida e possibilitar dignidade, proteção social, garantia dos direitos. Mas na favela as mulheres sofrem mais com o que vem ocorrendo hoje no país: seus filhos e companheiros sofrem a violência estatal e elas também são ameaçadas pelas forças de grupos pára-estatais que se entendem "chefes" de algo e donos do poder. Na favela se reproduzem as religiões de cunho conservador, com suas ideias que manipulam e capturam as almas abandonadas pelo poder público. Ali se desenvolvem e se reproduzem as relações de poder, de mando e desmando. A dominação e o extermínio estão cotidianamente muito mais presentes nestes territórios abandonados pelo Estado. A abordagem sobre a paz na favela foi solicitada pelas próprias mulheres das favelas do Parolin e da Vila Torres, visando denunciar as diversas expressões de violência que ocorrem ali e, como elas mesmas dizem "a favela está em guerra e nós, mulheres da favela, exigimos paz!". Assim, esta abordagem vem no sentido de fazer com que os movimentos feministas se interiorizem nas suas bases, onde as mulheres mais precisam, onde há a necessidade de disputar ideias e elevar a consciência popular sobre o triste momento que vivemos, sobre o desmonte das políticas públicas, sobre a necessidade de reavermos a democracia neste país.

3 – A luta pelo fim das violências contra as mulheres é constante em todo o mundo. Mas, no caso do Paraná, qual a importância e o papel dos coletivos e movimentos sociais de mulheres para combater o feminicídio?

Esta luta é histórica e parece infundável, mas venceremos! O movimento feminista já é reconhecido na história mundial recente como o movimento mais revolucionário pelas incidências e mudanças provocadas em diversos lugares. Nós mulheres feministas somos destemidas e não nos calam! Brigamos, cantamos, batucamos e dançamos, num só movimento de denúncia e de crítica ao capi-



talismo neoliberal, gritamos pela paz, contra guerras, o agronegócio que nos mata e nos envenena, denunciemos a barbárie, os ataques aos direitos das mulheres indígenas, ribeirinhas, negras, pobres, privadas de liberdade, transexuais e travestis, lésbicas, idosas, meninas e jovens. Somos um enorme movimento: os coletivos e núcleos feministas estão nas universidades, estão nos campos, nas florestas, nas favelas, nas religiões progressistas, como as “Católicas pelo Direitos de Decidir”, cuja organização e debate são fundamentais para a defesa do aborto. Não há conquista sem luta e não há transformação sem movimento e o movimento feminista é a nossa maior força política no momento. O combate ao feminicídio perpassa pelo debate sobre o capitalismo, calcado no machismo, no patriarcado, na questão da raça e da classe social, pois as mulheres que mais sofrem e morrem, como já dito, são as mulheres pobres e negras e, portanto, é neste foco que devemos atuar, ampliando nossas forças e estimulando a organização de novos coletivos e movimentos para incidir mais, exigir mais, do congresso, dos governantes, dos homens, da sociedade. Nossas ações tem sido em diversas frentes: na produção acadêmica (temos muitas doutoras e mestras pesquisando e escrevendo sobre as temáticas que envolvem a vida das mulheres e grupos de pesquisa em diversas universidades pelo mundo afora...), na organização e na mobilização de massas, em atos específicos ao longo do ano (8 de Março, Mulheres Negras, Dia da Mulher Latina e Caribenha, Visibilidade Lésbica, Defesa do Aborto, etc), na interlocução com outros sujeitos políticos, na aliança com demais movimentos sociais, na ocupação de espaços, como nos conselhos de direitos das mulheres e outros de direitos humanos e de políticas públicas diversas, na exigência de leis, junto a deputados e vereadores, que venham a ampliar e garantir nossos direitos, enfim. São muitas ações que fazemos e ainda podemos adotar outras, conforme a conjuntura e a necessidade.

4 – Qual o papel das Assistentes Sociais, enquanto defensoras de direitos humanos, de equidade (em referência inclusive ao Código de Ética do Serviço Social) na luta feminista?

Nosso papel deve ser a defesa intransigente dos direitos humanos das mulheres porque, além de sermos maioria mulheres, nosso compromisso é com a igualdade e a liberdade, algo hoje negado a todos os cidadãos e mais ainda às mulheres. Devemos, como categoria profissional também ocupar os espaços decisórios de políticas públicas, onde a maioria de nós atuamos. Não ficar apenas na execução destas políticas, devemos nos ocupar de influenciar no processo de constituição e estrutura-

ção destas políticas, imprimindo os valores e princípios éticos que regem a nossa profissão para colaborar na elevação do acesso, na ampliação dos direitos, na promoção da igualdade, de fato.





ELZA MARIA CAMPOS

INTEGRANTE DA UNIÃO BRASILEIRA DE MULHERES
INTEGRANTE DA FRENTE FEMINISTA DE CURITIBA
E REGIÃO METROPOLITANA
VICE-PRESIDENTA DO CRESS-PR

1 – O que significa o movimento 8M na atualidade?

Essa data é a mais importante do calendário feminista porque surge justamente em um processo revolucionário. As mulheres foram o estopim da Revolução Russa em 1917, quando as mulheres saíram pelas ruas, contra a exploração patriarcal, mas elas já descreviam sobre a opressão. O movimento de mulheres veio se mobilizando através dos tempos. Na atualidade, incorpora a luta contra as diversas violências. Essa violência machista patriarcal questiona juízes, presidentes, mandatários que encarnam a representação mais cruel da faceta machista de ataque as mulheres sem motivo. Colocam ainda na ordem do dia diversas formas de ataque aos negros e negras, às mulheres, gays, lésbicas, além dos ataques aos servidores públicos. Essa data é muito importante porque personifica e ressignifica a luta das mulheres.

A alemã Clara Zetkin em 1910, há 110 anos, durante o 2º Congresso Internacional de Mulheres Socialistas em Copenhague, defendeu a existência de uma data para marcar a luta pelos direitos das mulheres, sobretudo o direito ao voto. Em 2020 nas ações para preparação deste momento de luta nos encontramos diante de ataques frontais aos nossos direitos arduamente conquistados,

por um governo que despreza as mulheres, a população negra, LGBTs e os trabalhadores.

2 – Quais as principais conquistas do movimento feminista no Paraná e no Brasil?

O movimento feminista tem uma causa universal de uma perspectiva emancipacionista, que é um mundo sem violência. O mote tem uma identidade, que é lutar contra esse tipo de violência. Temos visto assassinatos de figuras importantes, mas existem aqueles casos de mulheres mortas e que estão invisibilizadas, nas periferias do Brasil e mundo. É importante mencionar que quanto mais pobre e negra mais violência essa mulher pode sofrer. Por isso, lutar por políticas públicas, por emprego e trabalho, bem como por moradia é essencial para as mulheres e para o movimento feminista.

O advento da Lei Maria da Penha (Lei 11.340), sancionada em 7 de agosto de 2006, a criação do Ministério das Mulheres no governo de Luiz Inácio Lula da Silva, foram reivindicações históricas do movimento feminista e de mulheres, bem como a Lei de Femicídio (Lei 13.104/15), promulgada pelo governo de Dilma Roussef em nove de março de 2015. Foram respostas desses governos à luta histórica das mulheres contra a violência doméstica e familiar, que na atualidade encontram-se ameaçados. São lutas nacionais que repercutem no estado. Mas nesse momento encontram-se ameaçados diante dos governos neoliberais.

3 – Quais os principais retrocessos vistos atualmente?

Todos os projetos e programas que tínhamos do Ministério da Justiça e Direitos Humanos estão sendo extintos. Áreas de governo ligadas à questão indígena, Secretaria Nacional de Políticas Afirmativas, que foi quase extinta, o próprio Ministério das Mulheres, Casa da Mulher Brasileira com cortes de investimentos, tendo registros nesses locais de mulheres que ficam diversas horas na fila para receber atendimento. Podemos citar ainda o Bolsa Família, levando-se em conta que a maior parte de quem recebe esse complemento de renda são as mulheres. Também podemos citar os ataques e cortes de recursos aos CRAS e CREAS, que têm, em sua maioria, mulheres sendo atendidas. Outra questão importante é o ataque ao SUS.

Neste contexto entendemos o importante papel dos movimentos feministas e de mulheres que têm a tarefa

de galvanizar o repúdio a essas medidas medievais do capital e do patriarcado, juntamente com os demais movimentos sociais progressistas e partidos, para conformar uma ampla frente de luta social e política que faça oposição cerrada ao atual desgoverno federal. Se o capitalismo impõe aos trabalhadores, em geral, péssimas condições de vida e trabalho, é ainda mais cruel com as mulheres. Nesse sentido é preciso reconhecer o importante papel das mulheres na luta de classes. Sem dúvida a mobilização do 8 de março é fator propulsor das lutas mais gerais em 2020.



Para finalizar essa edição do CRESS-PR em Movimento, entoamos a música do movimento feminista chileno que repercute em todo o mundo desde a revolução social que o povo do Chile promove contra o estado neoliberal e por reformas sociais.

O ESTUPRADOR É VOCÊ

O patriarcado é um juiz
que nos julga por nascer,
e o nosso castigo

é a violência que não vês

O patriarcado é um juiz
que nos julga por nascer,
e o nosso castigo

é a violência que não vês

Feminicídio.

Impunidade aos assassinos.

É agressão

É o estupro.

E a culpa não era minha, nem onde
estava, nem como vestia.

E a culpa não era minha, nem onde
estava, nem como vestia.

E a culpa não era minha, nem onde
estava, nem como vestia.

E a culpa não era minha, nem onde
estava, nem como vestia.

O estuprador es tu

O estuprador es tu

O estuprador es tu

O estuprador es tu

É a PM,

São os juízes,

É o Estado,

o Presidente.

O Estado opressor é o macho violador

O Estado opressor é o macho violador

O Estado opressor é o macho violador

O Estado opressor é o macho violador

O estuprador es tu

O estuprador es tu

O estuprador es tu

O estuprador es tu

O Estado é racista, estuprador e feminicida

O Estado é racista, estuprador e feminicida

O Estado é racista, estuprador e feminicida

O Estado é racista, estuprador e feminicida

O estuprador es tu

O estuprador es tu

O estuprador es tu

O estuprador es tu

Se cuida, se cuida, se cuida seu machista,
a América Latina vai ser toda feminista
Se cuida, se cuida, se cuida seu machista,
a América Latina vai ser toda feminista
Se cuida, se cuida, se cuida seu machista,
a América Latina vai ser toda feminista

Quem matou Marielle?
Quem matou Marielle?
Marielle está presente

*MARIELLE PERGUNTOU E EU TAMBÉM VOU PERGUNTAR:
QUANTAS MAIS TÊM QUE MORRER PRA ESSA GUERRA ACABAR?*

